



XI Encontro de Pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo

Currículo: tempos, espaços e contextos

29 e 30 de outubro de 2013



QUEM EU SOU, DE ONDE VIM E O QUE FAÇO? UM POUCO DA MINHA HISTÓRIA POR MEIO DE UMA NARRATIVA DIGITAL

Setembro /2013

Eixo Temático: Novas Tecnologias em Educação
Universidade Estadual de Roraima
PARENTE, Walter Eduardo Ferreira
walterefp@hotmail.com
Comunicação Oral. Texto completo.

RESUMO

Este trabalho destina-se a expor o processo de construção de uma narrativa digital, utilizando a linha do tempo na Disciplina Tecnologia, Currículo e Conhecimento: Fundamentos e Práticas do Programa de Doutorado em Educação: Currículo da PUC – SP. São expostas as primeiras experiências com esse tipo de metodologia, mostrando a evolução dos conceitos e como se deu o processo de aprendizagem com a utilização de novas ferramentas para a educação. Reviver, buscar respostas e soluções para problemas, aprender novas técnicas e principalmente refletir, esses foram os guias dessa proposta. Faz-se uma discussão sobre a construção de narrativas digitais e como elas podem ajudar na reflexão sobre nossas práticas profissionais.

Palavras chave: Narrativa Digital - linha do tempo. Currículo – construção. Currículo - reflexão.



INTRODUÇÃO

Atualmente, as redes sociais e outros meios que utilizam tecnologia para comunicação e informação têm ganhado um papel importante na interação entre pessoas e, até mesmo, ditando tendências de moda, comportamento e consumo.

Neste sentido, Almeida e Valente (2011, p. 6) destacam que:

a evolução das TDIC tem o papel fundamental no processo de globalização, provoca mudanças no modo de ser e estar do mundo, reconfigura as relações comunicacionais e faz sugerir uma nova ordem social, denominada de sociedade tecnológica, sociedade em rede, sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade cognitiva, sociedade digital ou outras denominações. (ALMEIDA; VALENTE, 2011, p.6).

A potencialidade das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) chegou a um lugar de destaque na educação, pois fornece ferramentas que possibilitam a interação social e diferentes formas de se expressar e compartilhar o conhecimento.

Como incluir as tecnologias no currículo escolar do nosso país é uma questão que necessita de reflexão e pesquisa sobre o como fazer. Atualmente, a tendência é da inclusão como auxílio do desenvolvimento dos conteúdos disciplinares. (ALMEIDA; VALENTE, 2011).

Este trabalho destina-se a expor o processo de construção de uma narrativa digital, utilizando a linha do tempo durante a Disciplina Tecnologia, Currículo e Conhecimento: Fundamentos e Práticas do Programa do Doutorado em Educação: Currículo da PUC – São Paulo. O objetivo é desenvolver uma metodologia em que é inserida a utilização das TDIC como forma de produção de narrativas digitais, fazendo assim a integração das linguagens midiáticas com o currículo. (ALMEIDA; VALENTE, 2012).

Desenvolver as competências e habilidades necessárias para explorar o potencial da narrativa digital como ferramenta pedagógica necessita de tempo e cuidado, pois o processo de construção pode tornar-se uma armadilha na hora da escolha dos recursos



que serão utilizados, já que os mesmos não são mais importantes que o ato de contar a história que se propõe.

Dessa maneira, a proposta de se trabalhar com narrativas digitais pode auxiliar na construção do conhecimento por meio da escrita, reflexão e na busca de materiais e métodos, podendo tornar-se uma ferramenta lúdica e interdisciplinar. Nesse sentido, Almeida e Valente dizem que “a intenção de trabalhar com narrativas digitais é justamente a de explorar o potencial das TDIC no desenvolvimento de atividades curriculares de distintas áreas do conhecimento”. (ALMEIDA; VALENTE, 2012, p. 58).

Mostrar o primeiro contato que tivemos com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) foi à proposta apresentada pelos professores da disciplina.

Narrar aqui assume um papel de relatar as experiências e práticas dando significado pessoal, pois é assumido um posicionamento onde é colocada uma visão particular dos acontecimentos que serão narrados.

Refazer a caminhada até chegar à escolha do Programa de Doutorado em Educação é reviver momentos e refletir sobre a formação que tive. Mostrar a maneira de enxergar a caminhada que fizemos é um desafio. Começando pela escolha do que falar e como falar (imagens, vídeos ou apenas escrita) é um fator determinante para o início da atividade.

Esse processo reflexivo me ajudou a tomar novas decisões e novos caminhos para aprender. Ajudou-me a depurar minhas ideias.

A escolha do *software*, os caminhos feitos e as dificuldades enfrentadas serão expostos com mais detalhes nos capítulos posteriores.

REFERENCIAIS TEÓRICOS

Nas cavernas, o homem contava histórias sobre suas caçadas e os desafios que a natureza lhe impunha ao redor de fogueiras para seus descendentes e para perpetuar o que faziam eles pintavam ou esculpam em rochas as coisas que consideravam importantes.



O tempo passou e o homem inventou os livros. Ele se apropriou desse recurso para contar suas vitórias e derrotas, perpetuando assim seus nomes. Outros utilizaram para narrar histórias de contos, romances, lendas etc.

Hoje, com toda tecnologia que nos cerca, nós podemos falar sobre nossas experiências de forma criativa, interativa e com riqueza de detalhes, pois temos uma grande quantidade de ferramentas que possibilitam fazer *links* entre imagens e sons no contar da história.

Almeida e Valente (2012) destacam que as narrativas nos dias de hoje,

podem ser agora produzidas com uma combinação de mídias, o que pode contribuir para que esta atividade seja muito mais rica e sofisticada, sob o ponto de vista da representação do conhecimento e da aprendizagem. (ALMEIDA; VALENTE, 2012, p.58).

Todos os exemplos citados anteriormente mostram como o homem se apropriou de contar história. O contar história é narrar sobre algo. Isso faz parte da nossa vida. A maneira como se conta depende do grau de evolução em que o indivíduo se encontra intelectualmente e quais os meios que ele tem para construir sua narrativa. Alves (2012, p. 14) diz que “cada geração de diferentes culturas lançou mão de tais ferramentas e desenvolveu seus próprios métodos de narrar, e seus próprios modos de apresentar suas histórias”.

Não só a produção do material como a divulgação e repercussão que ele pode causar atualmente devem ser levadas em conta. A respeito disso Alves (2012) afirma que:

as ferramentas digitais oferecem um amplo horizonte para exercerem sua criatividade e expressão na produção e difusão de suas histórias, garantindo-lhes o alcance de um público cada vez maior e heterogêneo, principalmente com o advento das redes sociais.(ALVES,2012,p.14).

Em relação à utilização das ferramentas tecnológicas disponíveis deve-se buscar uma maneira correta de utilizá-las, criando-se alternativas para que esse uso supere a metodologia tradicional possibilitando ao aluno deixar de ser um mero expectador (ser passivo) e se transforme em ator (ser ativo) do seu processo de aprender.



Por mais que saibamos do valor da utilização dessas ferramentas na educação e de ter resultados positivos com pesquisas realizadas é necessária uma reflexão e avaliação das possibilidades que podemos conquistar. Esse não é um problema novo. Almeida nos adverte que “devemos aprofundar a compreensão sobre essa problemática, identificar tanto os aspectos que permitem avanços reais nessa incorporação quanto àqueles que ainda constituem obstáculos, buscando estratégias que permitam superar as dificuldades”. (ALMEIDA, 2004).

Quando se trata de uma narrativa devemos levar em consideração que “todo texto é um meio de comunicação intersubjetiva”. (SEVERINO, 2012, p. 47). Minha posição em relação ao que vai ser dito tem que levar em conta os objetivos do meu trabalho. Não posso deixar que interferências subjetivas e culturais pusessem em risco o objetivo do trabalho, prejudicando assim a recepção da ideia central da narração (ibidem).

Narrativas e Currículo

Gostaria de deixar claro aqui que meu conhecimento pelo que realmente é o currículo e suas dimensões ainda são muito limitados. No segundo parágrafo deste tópico, coloco minha visão de “estudante” com uma visão política libertadora de quando esse texto foi escrito. Hoje minha postura ao falar sobre o currículo talvez não seja essa, mas estou refletindo muito sobre o assunto e não deixarei a escrita dessa forma.

Ao analisar uma narrativa, podemos encontrar diversos fatores para serem observados. Citarei alguns deles aqui para que lá na frente possamos fazer uma ligação com o currículo. O sujeito ao escrever uma narrativa deixa impressa: supostas revelações; ocultamentos; ponto de vista em relação a espaço-tempo nos quais eles enxergam a si mesmos e ao mundo; momento histórico da produção da narrativa; valores; posicionamentos; diferenciações; saberes e verdades que carregam; significados em relação ao que é educação e docência. Em resumo, ao analisar uma narrativa com cautela, podemos descobrir particularidades que interessam o nosso trabalho.

O currículo é uma narrativa importante que mostra claramente o interesse de uma classe dominante que exerce a opressão nas classes menos favorecidas por causa, principalmente, das questões financeiras. O aluno é um personagem de uma história que

é real e possui espaço-tempo e que muitas vezes não são orientados a percorrer caminhos outros para reescrever sua história. A narrativa possibilita enxergar a si próprio e ao mundo através de contar história, fazendo com que se dê valor e significado as coisas, podendo, assim, desmistificar o mundo. Há uma necessidade de se enxergar o aluno com uma “bagagem” já adquirida pela sua cultura e explorar a narrativa para que ele se expresse formalmente com exige o contexto escolar sem esquecer a sua vivência informal traduzindo de forma concisa e eficaz a sua voz, fazer-se escutar.

Narrativas Digitais e Currículo

Há uma necessidade evidente de se adaptar a escola para trabalhar de forma sistemática a incorporação da TDIC nas várias dimensões do currículo (conteúdo, metodologia, avaliação e recursos educativos). O aluno tem que ser um “ser ativo” que participa de todo o processo de construção do conhecimento.

Ao integrar as narrativas digitais ao currículo, cria-se uma possibilidade da utilização de diferentes formas de representação verbais e não verbais, utilizando maneiras diferentes de como se entende o conhecimento e de definições.

Em todos os textos de referência, há clareza nas várias formas de comunicação, particularmente aqui no que diz respeito a ambientes digitais, que mostram a necessidade de se trabalhar com a escrita sendo aperfeiçoada conciliando com a aprendizagem da composição multimodal.

Temos que dar a devida atenção ao visual (já que a imagem pode e deve ser trabalhada como comunicação explícita e não como arte decorativa e expressiva) e a comunicação verbal.

Segundo Almeida e Valente, a utilização das

TDIC no desenvolvimento do currículo por projetos permite registrar processos, recuperar trajetórias, rever narrativas e identificar caminhos percorridos, conhecimentos colocados em ação e significados em construção. (ALMEIDA; VALENTE, 2011, p. 32).

Almeida (2007) fala da importância do professor quando se trata da integração entre TDIC e currículo. Ela lembra que o professor deve fazer uma reflexão sobre à

utilização das TDIC “de modo que possa analisar a efetividade das contribuições desse suporte para a criação de experiências educativas significativas e relevantes para os aprendizes”

Metodologia da Pesquisa e Narrativa Digital

Mediante o uso das narrativas é possível coletar dados relativos ao sujeito que a escreveu. Seus valores, crenças e atitudes ficam como uma impressão digital no texto. Assim pode-se fazer a legitimação do seu papel enquanto construtor do conhecimento.

Ao estudar (analisar) uma narrativa, o sujeito pode explicar e reexplicar sua história à medida que ele mergulha na análise da mesma.

Conelly e Clandinin (apud Cunha, 2009) destacam que:

no processo de começar a viver a história compartilhada da investigação narrativa, o investigador tem que ser consciente de estar construindo uma relação em que ambas as vozes são ouvidas [...] uma relação em que ambos, praticantes e investigadores, se sintam ligados por seus relatos e tenham voz com que contar suas histórias.(Conelly,Clandinin apud CUNHA,2009,p.7).

A história é contada por uma pessoa e analisada por outra. Além disso, temos uma pessoa que escreve sobre si própria e sobre o mundo.

Segundo Galvão (1995, p. 329 apud CUNHA, 2009, p. 9), a narrativa como método de investigação em educação no Brasil contempla várias perspectivas, que incluem “[...] desde a análise de biografias e de autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etnobiografias, etnografias e memórias populares, até acontecimentos singulares integrados num determinado contexto”.

Para finalizar, entendemos que a metodologia de pesquisa que emprega dois grandes grupos: as pesquisas feitas através de imagens e documentos escritos, e as entrevistas, que podem ser autobiográficas ou biográficas. Como coletar e analisar os dados obtidos através dos recursos citados fica definido pelo pesquisador, que avalia qual o mais adequado para sua pesquisa.

MATERIAL E MÉTODO

Antes da escolha do programa que eu iria utilizar para fazer a minha narrativa digital, decidi pensar em o que era mais importante para colocar nela. Decidir quais momentos é mais importante na minha caminhada profissional foi uma tarefa inacreditável. Foi então que comecei a escrever em um papel quais foram os momentos que me marcaram com a utilização de tecnologias. Mentalmente fiz uma viagem de forma linear. Lembrei que na minha formação no ensino fundamental e médio o máximo que os professores utilizavam era um retroprojeter (e quando utilizavam), então resolvi começar contando a minha história a partir do momento da minha inscrição no vestibular, já que a utilização de recursos mais modernos que um retroprojeter voltado à educação só tive quando comecei a cursar Física na Universidade.

Depois de colocar tudo o que eu achava importante falar, comecei a fazer um tipo de roteiro sobre o que falar daqueles tópicos que escrevi. Isso me ajudou na hora de começar a trabalhar com o programa, pois além de não esquecer as partes que achei importante, ainda lembrei-me de outras coisas que achava interessante para colocar na narrativa.

Para realizar a elaboração da narrativa digital por meio de uma linha do tempo, utilizei o programa *Office Timeline Free*¹ que é uma ferramenta do programa *Microsoft PowerPoint*. Ela é uma ferramenta de criação de projetos que possibilita ver de forma linear os passos que serão dados. Como o *software* é uma ferramenta do *PowerPoint*, esse perde seu caráter linear se anexarmos *hiperlinks* nos *slides* necessários.

Inicialmente, a proposta foi fazer a narrativa de forma que os acontecimentos fossem representados através de história em quadrinhos (HQ). Para isso, utilizamos o *software* disponibilizado na página do *GoAnimate*² na versão livre. Porém, não tinha habilidade suficiente para fazer a criação dos quadrinhos. Por mais que as histórias pudessem dar um ar de não formalidade, mas perderia muito tempo em criar os HQ, saindo do objetivo do trabalho como citado anteriormente. Com isso, fiz apenas uma história em HQ, que conta como se deu a minha inscrição no vestibular para Física. Tento fazer de um momento em que não houve diálogo entre eu e minha mãe, um



momento divertido. Destaco esse momento, pois foi o início da jornada de formação que possibilitou as conquistas profissionais que tive.

Deixando a HQ de lado, parti para a utilização de fotos. Considero a inclusão de imagens na minha narrativa como uma tentativa de materializar aquele momento que estou narrando.

Não tinha ideia, mas meu contato com as tecnologias não foram à base da minha formação. Tive uma formação muito voltada para a resolução de exercício através de lápis e papel do que através de práticas que me dessem condições de refletir sobre o que eu estava fazendo e como elas poderiam interferir na minha vida profissional.

Resultado do Processo de Construção

Meu primeiro contato com as TDICs só veio acontecer durante a graduação. O acesso ao computador ficou mais fácil e algumas atividades eram realizadas no laboratório de informática, utilizando *softwares* e vídeos sobre história da Física. Tive duas disciplinas na graduação, uma chamada Física e Sociedade e outra chamada Educação Freireana, onde utilizamos o ambiente virtual chamado AMEM, ambiente esse administrado pela Universidade Federal de Santa Maria e que hoje não está mais em funcionamento (foi substituído pelo *Moodle*). As aulas eram feitas em grande parte nesse ambiente, onde tínhamos uma biblioteca *online* e fóruns de debates. Em certos momentos, havia encontros presenciais mediados pelo professor. Foi meu primeiro contato com a educação a distância.

Essa experiência foi muito rica, pois o fato de deixar os alunos a vontade para produzir me deu um misto de responsabilidade e irresponsabilidade. Responsabilidade, pois sentia uma confiança dada pelo professor. Eu me cobrava para não perder essa confiança. Irresponsabilidade, pois por mais que eu fizesse as tarefas, sempre deixava para ultima hora.

As aulas eram mais estimulantes. O professor conseguia chamar a minha atenção e me envolver em discussões que na grande maioria das vezes me levavam a procurar saber mais de algumas coisas que foram debatidas. Por outro lado, eu ficava encantado com a facilitação que a tecnologia proporcionava ao professor para que ele pudesse mostrar uma forma de materializar.



Outro momento marcante durante minha graduação foi na disciplina Cálculo Numérico. Nessa disciplina o professor ensinou a utilizar o *software Maple* para resolver funções e a partir dos resultados, construir gráficos. O que me marcou nessa disciplina foi que depois de aprender a utilizar o *maple*, o professor nos ensinou a programar na calculadora científica para obter os mesmos resultados do *software*. Eu lhe questionei o porquê não ensinar logo através da calculadora científica, já que era muito mais fácil. Sua resposta foi que devemos saber de onde vêm os cálculos que fizemos e não somente saber realizar os cálculos através da calculadora. Tempos depois passei pelo mesmo questionamento quando um aluno perguntou o porquê de não poder utilizar o seu celular para realizar uma conversão de escalas de temperatura. Eu não soube responde-lo, pois não tinha aprendido com aquela lição que o professor tinha me dado durante a graduação. Esse amadurecimento só se deu durante uma aula onde falávamos sobre a utilização das tecnologias na sala de aula. A grande ideia foi que podemos mostrar para os alunos que existem programas que facilitam nossas vidas através dos meios tecnológicos, mas que os resultados obtidos têm uma teoria que envolve matemática e física. Talvez isso estimule o aluno a descobrir o que fundamenta os programas que eles utilizam.

Já na minha vida profissional, sempre tive a oportunidade de utilizar em algumas aulas *softwares* para demonstrar alguns exercícios que eu realizava no quadro. Era a maneira que eu encontrava de mostrar o fenômeno acontecendo de uma maneira mais clara e conseguia chamar a atenção de muitos estudantes. Os *softwares* que eu utilizava eram livres, então ficava fácil de gravar no *pen-drive* deles para que utilizassem em casa. Não utilizava de forma que pudesse pesquisar o que estava acontecendo. Simplesmente usava. Mas tinha um certo direcionamento na utilização que eu fazia, pois orientava os alunos na questão que tinha que ser resolvida e fazia com que eles mesmos utilizassem o *softwares* para ver se suas respostas estavam corretas.

Quando ingressei como professor da Universidade Estadual de Roraima no ano de 2009, onde logo no primeiro ano tive que ministrar uma disciplina chamada Informática para o Ensino de Física. A partir daí comecei a ter que estudar mais sobre a teoria que estava por trás das tecnologias. Aprendi maneiras diferentes de utilizar a tecnologia na educação. Enxerguei que o computador não é só uma ferramenta para



demonstração dos experimentos, mas que ele pode servir como ferramenta de aquisição e análises de dados experimentais.

Foi então que vieram duas orientações de Trabalho de Final de Curso, onde tínhamos duas propostas de trabalho. Uma era trabalhar com o *software modellus*³, que foi estudado com duas turmas de 2º ano do ensino médio relações entre escalas térmicas e dilatação dos sólidos com a ajuda desse *software* e, um segundo trabalho, com o qual utilizamos o *software ExactCalc*⁴, esse já voltado para o estudo de movimentos dos corpos, e foi aplicado em duas turmas do 1º ano do ensino médio. Ambos os trabalhos foram aplicados em escolas públicas do Estado de Roraima e chegaram a resultados surpreendentes e satisfatórios.

Em 2011, um projeto intitulado Robótica Educacional foi proposto pelos professores do curso de Física da UERR. Os recursos para a compra dos materiais foram adquiridos por meio do projeto PRODOCÊNCIA da UERR. O material adquirido foram robôs da lego (*mindstorm*). Foi a primeira vez que todos os envolvidos no projeto tinham contato com a robótica educacional. Tivemos que aprender fazendo e com a literatura disponível na *internet*.

Numa maneira de canalizar esforços para realizar essa tarefa, conseguimos quatro bolsas do PIBIC-Júnior (duas bolsas para duas escolas da cidade de Boa Vista – Roraima) e a ajuda dos alunos e professores (das escolas citadas acima) bolsistas do programa PIBID.

O primeiro grande desafio foi ensinar os alunos a programar. Tivemos muita dificuldade, mas no final conseguimos realizar alguns comandos básicos e expor os resultados no Campeonato de Robótica que é realizado em conjunto com a Feira de Ciências de Roraima.

O que notamos é que todos os alunos tinham a habilidade necessária para montar os modelos propostos, mas a grande evolução foi na programação. Os resultados foram surpreendentes.

A procura de outros alunos para participar do projeto foi imediata. Conseguimos chamar atenção de conceitos físicos e matemáticos de forma divertida e aplicável. Trabalhei nesse projeto até o meu afastamento para o doutorado e ele ainda continua em andamento.



Essa caminhada toda foi exposta na minha linha do tempo. Existe uma parte dela em que falo sobre a disciplina que eu estava cursando. Resolvi dividi-la em tópicos que foram vistos durante a disciplina. Essa parte foi muito interessante em realizar, pois fazia uma reflexão em um intervalo de tempo muito curto, comparado ao que fiz sobre a minha vida acadêmica até antes do doutorado. Tudo ainda estava muito recente e eu pude amadurecer as ideias com mais rapidez. Isso me proporcionou um entendimento melhor sobre o que eu estava fazendo.

Durante a construção da linha do tempo tive oportunidade de trabalhar com uma metodologia que até então não tinha conhecimento e que me proporcionou uma visão de como ela pode ser útil durante um processo pedagógico, pois proporciona uma postura de reflexão podendo levar a ações diferentes durante o processo de aprender e ensinar.

Deixar com que os alunos fiquem a vontade para escolher um programa em que se sentissem bem para expor sua maneira de enxergar as coisas foi outro ponto positivo na disciplina. Essa experiência proporcionou, em todo o seu conjunto, uma oportunidade única de desenvolver um trabalho de autoanálise e reflexão de fatos e experiências que já haviam sido esquecidos e, que agora retornaram amadurecidos, e com certeza irão mudar minha postura, como professor e eterno aprendiz.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. **Inclusão Digital do Professor**: formação e prática pedagógica. São Paulo: Editora Articulação Universidade Escola, 2004.

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. **Tecnologias e Currículo**: trajetórias convergentes ou divergentes?. São Paulo: Paulus, 2011.

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. Integração Currículo e Tecnologias e a Produção de Narrativas Digitais. **Currículo sem Fronteiras**, São Paulo, v. 12, n. 3, p.57-82, [200-].



ALVES, R. H. **Storytelling e Mídias Digitais: uma análise da contação de histórias na era digital.** *Hipertexto*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.13-36,[200-].

ARAGÃO, R. M. R. **Compreendendo a Investigação Narrativa de Ações Escolares de Ensino e de Aprendizagem no Âmbito da Formação de Professores.** Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt08/t0818.pdf> > Acesso em: 15 abr.2013.

BOANOVA, C. O. **Aprendentes das Narrativas Digitais.** Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2506/382>> Acesso em: 15 abr.2013.

CONNELLY, F. M. CLANDININ, J. **Teachers as curriculum planners: narratives of experience.** New York: Teachers College Press, 1995.

CUNHA, R. C. **A Pesquisa Narrativa: uma Estratégia Investigativa sobre o Ser Professor.** Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/35_Renata%20Cristina%20da%20Cunha.pdf >. Acesso em: 05 abr. 2013.

FANTIN, M. **Currículo, Narrativas e Imagens.** Disponível em: <<http://www.culturainfancia.com.br/docs/curriculonarrativaseimagens.pdf>> Acesso em: 15abr. 2013.

GALVÃO, C. **Narrativas em educação.** *Ciência & Educação*, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, 1995.

JESUS, A. G. **Narrativa Digital: uma abordagem multimodal na aprendizagem de inglês.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Universidade do Minho. Disponível em: < <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14496/1/Anabela%20Gomes%20de%20Jesus.pdf> > Acesso em: 20 abr.013.



LOURENÇO, M. C. T. A. C. **Da Narrativa à narrativa Digital**: o texto multimodal no estudo da narrativa. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação).

Universidade do Minho. Disponível em: <

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23658/1/Maria%20Cristina%20Teixeira%20Alves%20da%20Costa%20Louren%C3%A7o.pdf> > Acesso em: 20 abr.2013.

MAUÉS, J. **O Currículo no Trabalho com Narrativas no Ensino Superior**.

Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt12/gt121108int.rtf> >

Acesso em: 15 abr.2013.

ROSA, M. I. P.; RAMOS, T. A.; CORRÊA, B. R.; ALMEIDA JR. A. S. Narrativas e Mônadas: potencialidades para uma outra compreensão do currículo. **Currículo sem Fronteiras**, São Paulo, v. 11, n. 1, p.198-216.

SEVERINO, A. J.; SEVERINO, E. S. **Ensinar e Aprender com Pesquisa no Ensino Médio**. São Paulo: Cortez, 2012.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

GOANIMATE. Disponível em <http://www.goanimate.com>

OFFICETIMELINE. Disponível em <http://www.officetimeline.com>